

Economista defende a extinção do BC

José Paulo Lacerda/AE

Estado — O senhor diz que o Banco Central da Rússia deve ser extinto, porque não tem mais jeito. O do Brasil também não tem mais jeito?

Steve Hanke — Há uma diferença evidente. O Banco Central do Brasil tem pessoal competente. Os brasileiros sabem ler um balanço, sabem o que é um banco. Os russos não. Desse ponto de vista, são diferentes. Mas do ponto de vista do desempenho, não há diferença. As pessoas competentes do Banco Central do Brasil produzem dinheiro ruim, e as pessoas incompetentes do Banco Central da Rússia também produzem dinheiro ruim. A questão é: não são as pessoas que fazem a diferença, é a instituição que não pode mais ser reformada. Não existe maneira fácil de reformar um banco central, uma vez que ele tenha perdido a credibilidade.

Estado — Por que o sistema de caixa de conversão seria melhor?

Hanke — Se você mantém o Banco Central, precisa conseguir o equilíbrio fiscal antes de estabilizar. É o grande problema dos programas de estabilização do FMI. Com a caixa de conversão, o raciocínio se inverte, você não tem pré-condição para a estabilidade monetária. Uma vez que você tenha o currency board em funcionamento e moeda estável, tem que solucionar a crise fiscal, porque não pode mais imprimir dinheiro para financiar os déficits do governo. Não há saída. E uma das maneiras de fazer a transição é acelerar a privatização e usar as receitas para financiar temporariamente o déficit.

Estado — A Argentina estabilizou sua moeda com o programa de dolarização do ministro Cavallo, mas como tem inflação interna maior do que a americana, tem problemas para exportar e acumula déficits comerciais. Haveria o risco de acontecer algo semelhante se o Brasil adotasse uma moeda emitida por uma caixa de conversão, lastreada no dólar?

Hanke — Esses problemas são triviais comparados aos efeitos da estabilização. Como estaria a Argentina se não tivesse feito seu ajuste? Estaria muito pior do que está. A in-



Steve Hanke (ao centro) expôs suas idéias aos ex-ministros Delfim Netto e Roberto Campos

flação argentina era de 2.600% ao ano em 1991, quando começou a estabilização. Nenhuma sociedade suporta intacta taxas terrivelmente altas de inflação. Surgem problemas de corrupção política, intranquilidade social, criminalidade, a sociedade se desintegra. Aconteceu em todos lugares do mundo. Logo, se vocês querem continuar a cometer suicídio, fiquem com seu Banco Central.

Estado — O sr. aconselharia então um programa semelhante para o Brasil?

Hanke — Eu quero esclarecer que não estou propondo para o Brasil fazer o mesmo. A Argentina não criou uma caixa de conversão verdadeira para estabilizar a moeda, embora eles gostem de fazer propaganda disso. Pouca gente aqui na América Latina

sabe realmente como funciona um currency board. Depois de feita a reforma monetária na Argentina, alguém falou: parece uma caixa de conversão. E eles disseram então: ótimo, temos uma caixa de conversão. Alguns dos efeitos da reforma argentina são semelhantes. Mas

quando um banco argentino tem problemas, o Banco Central pode emprestar dinheiro a ele, pode socorrer bancos comerciais. É um empréstador de última instância. Um currency board não pode fazer isso.

Estado — Mas os problemas de balanço comercial não podem comprometer qualquer programa de estabilização baseado na âncora cambial? Os exportadores gritam...

Hanke — O índice de preços ao consumidor de julho na Argentina já foi quase igual ao americano. Os índices tendem a convergir. Problemas desse tipo podem ocorrer num país que adote um currency board, mas fazem parte de um ajustamento de curto prazo. E uma verdadeira caixa de conversão tem uma vantagem em relação à Argentina, para lidar com a pressão da indústria por uma desvalorização da moeda. Os industriais argentinos fazem barulho porque acham que podem pressionar o governo a mudar a taxa de câmbio. Num país com caixa de conversão pura, como Hong-Kong, a

indústria se reestrutura e se torna eficiente e competitiva, porque sabe que não tem outra saída.

Estado — O ex-ministro Delfim Netto faz uma crítica ao sistema de caixa de conversão: diz que serve para países em que o governo desistiu de governar e abriu mão de ter política monetária e cambial. Sempre foi, na verdade, o sistema que potências coloniais usavam em suas colônias. Ele funcionaria num país grande e complexo como o Brasil?

Hanke — Eu não concordo com isso. Hong Kong não é uma economia pequena, é um pequeno território com uma economia grande e mais complexa do que a brasileira. Quanto ao governo perder seus poderes discricionários so-

bre a moeda, isso é exatamente o que se quer. Não é uma desvantagem, é um ponto-chave do sistema. Os políticos são algemados, não podem mais manipular a moeda à vontade. Ficam totalmente amarrados. Isso é bom, é o que faz o sucesso das caixas de conversão.

**SE QUEREM
COMETER
SUICÍDIO,
CONTINUEM
COM SEU
BANCO
CENTRAL**

**NÃO ESTOU
PROPONDO
QUE O BRASIL
TOME AS
MESMAS
MEDIDAS QUE
A ARGENTINA**